

*Mais ^
crônicas
de
Aeonlea*

Mais [^]
crônicas
de
Avonlea
LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução
Livia Koepl



Ciranda Cultural

SUMÁRIO

Traduzido do original em inglês <i>Further Chronicles of Avonlea</i>	Revisão Mariane Genaro Fernanda R. Braga Simon
Texto Lucy Maud Montgomery	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Tradução Livia Koepl	Ilustração de capa Beatriz Mayumi
Preparação Karoline Cussolim	

A gata persa de tia Cynthia	7
A materialização de Cecil.....	20
Filha de seu pai	33
O bebê de Jane	56
A criança dos sonhos	70
O irmão fracassado	83
O retorno de Hester	94
O livrinho marrom da senhorita Emily.....	104
As peculiaridades de Sara.....	113
O filho de sua mãe.....	124
A educação de Betty.....	144
Do seu modo altruísta	163
O caso de consciência de David Bell.....	187
Apenas um sujeito comum.....	200
Tannis de Flats	210

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787m Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Meia crônicas de Avonlea / Lucy Maud Montgomery ; traduzida por Livia Koepl ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jundia, SP : Ciranda Cultural, 2020.

224 p. : il. - (Ciranda Jovens)

**Tradução de: Further chronicles of Avonlea
Inchi Indica.
ISBN: 978-65-5500-381-9**

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Crônicas. I. Koepl, Livia. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-1573

**CDD 028.5
CDU 82-93**

Elaborado por Vagner Rabello da Silva - CRB-87416

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Literatura infantojuvenil 028.5**
- 2. Literatura infantojuvenil 82-93**

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



A gata persa de tia Cynthia

Max sempre bendiz o animal quando falam dele; e eu não nego que as coisas acabaram dando certo no final. Mas, quando penso na aflição que Ismay e eu passamos por causa daquela gata abominável, não é uma bênção a primeira coisa que me vem à mente.

Eu nunca gostei de gatos, embora reconheça que eles ficam quietos no seu canto e que eu viveria tranquilamente com um bom e velho gato matronal malhado, que sabe cuidar de si e ser de alguma utilidade no mundo. Quanto a Ismay, ela detesta gatos desde sempre.

Mas tia Cynthia, que os adorava, nunca conseguiu entender como alguém podia desgostar deles. Ela acreditava firmemente que, no fundo, Ismay e eu realmente gostávamos de gatos, mas que, em razão de algum desvio perverso de nossa natureza moral, nunca confessaríamos esse fato e continuaríamos a declarar teimosamente o contrário.

De todos os gatos, o que eu mais detestava era aquela gata persa branca de tia Cynthia. E, de fato, como sempre suspeitamos e por fim provamos, a própria tia olhava para a criatura mais com orgulho do que com afeição. Ela teria preferido dez vezes o consolo de um bom bichano

comum à presença daquela bela gata mimada. Mas um gato persa com *pedigree* oficial e um valor de mercado de cem dólares atçou tanto o orgulho de tia Cynthia que ela se forçou a acreditar que o animal era realmente a menina de seus olhos.

A gata lhe fora dada por um sobrinho missionário que a trouxera da Pérsia; e há três anos a casa de tia Cynthia dedicava-se, de corpo e alma, a servir aquela gata. Ela era branca como a neve, com uma mancha cinza-azulada na ponta do rabo; tinha olhos azuis e era surda e delicada. Tia Cynthia estava sempre com medo de que ela pegasse friagem e morresse. Ismay e eu costumávamos torcer para que isso ocorresse, pois estávamos muito cansadas de ouvir falar dela e dos seus caprichos. Mas não dissemos isso para tia Cynthia. Provavelmente ela nunca mais falaria conosco, e não era sensato ofendê-la. Quando se tem uma tia livre e desimpedida, com uma gorda conta bancária, o melhor a fazer é manter boas relações com ela se puder. Além disso, nós realmente gostávamos muito de tia Cynthia, às vezes. Tia Cynthia era uma daquelas pessoas exasperantes que resmungam e criticam até que você começa a achar justificável odiá-las, mas de repente fazem algo tão amável e gentil por você que, em vez disso, você se sente obrigada a amá-la com obediência.

Logo, humildemente nós a ouvíamos discorrer sobre Fátima (o nome da gata era Fátima) e, se naquela época foi maldade de nossa parte desejar que ela morresse, fomos bastante punidas por isso mais tarde.

Certo dia de novembro, tia Cynthia zarpou para Spencervale. Na verdade, ela surgiu num faetonte¹, puxado por um gordo pônei cinza, mas de algum modo tia Cynthia sempre passou a impressão de vir num navio totalmente equipado, avançando galantemente, trazido por um vento favorável.

Foi um dia daqueles para todos nós. Tudo deu errado. Ismay deramou graxa no seu casaco de veludo, o molde da nova blusa que eu estava costurando ficou irremediavelmente torto, o fogão da cozinha soltou fumaça e o pão azedou. Além disso, Huldah Jane Keyson, nossa leal e experiente babá e cozinheira da família, e “mandachuva” em geral,

estava com o que ela chamava de uma “torsidura” no ombro; e, embora Huldah Jane fosse a melhor criatura que já viveu neste mundo, quando ela estava com a “torsidura”, as outras pessoas da casa queriam ficar bem longe dela e, se não fosse possível, sentiam-se tão à vontade quanto São Lourenço na grelha².

E, como se não bastasse tudo isso, recebemos a visita de tia Cynthia, com o seu pedido.

– Minha nossa – disse tia Cynthia, fungando. – Isso é cheiro de fumaça? Vocês, meninas, devem cuidar melhor do seu fogão. O meu nunca solta fumaça. Mas é isso que acontece quando duas meninas tentam manter uma casa sem um homem para ajudar.

– Estamos muito bem sem um homem aqui – eu disse, com altivez. Há quatro dias que Max não aparecia e, embora ninguém quisesse vê-lo, em particular, eu não podia evitar de me perguntar o motivo.

– Homens são um estorvo.

– Ouso dizer que você gosta de fingir que pensa assim – disse tia Cynthia, provocando. – Mas nenhuma mulher pensa realmente assim, sabe? Imagino que aquela bonita Anne Shirley, que está visitando Ella Kimball, não pense assim. Eu a vi passear com o dr. Irving nessa tarde, e ambos pareciam muito satisfeitos um com o outro. Se enrolar por mais tempo, Sue, vai deixar Max escapar pelos seus dedos.

Foi bastante delicado da parte dela dizer isso para *mim*, que recusei Max Irving tantas vezes que até perdi a conta. Fiquei furiosa, logo sorri amavelmente para minha irritante tia.

– Querida tia, como a senhora é engraçada – eu disse com suavidade. – A senhora fala como se eu quisesse Max.

– Então você o quer – disse tia Cynthia.

– Se eu quisesse, por que o teria recusado tantas vezes? – eu perguntei, sorrindo. Tia Cynthia sabia muito bem disso. Max sempre lhe contava.

² Referência ao diácono Lourenço de Huesca, cuja execução ocorreu em uma grelha sobre um braseiro, no ano de 258, a mando do imperador romano Valeriano. (N.R.)

¹ Carruagem leve e sem cobertura. (N.R.)

– Só Deus sabe por quê – disse tia Cynthia. – Mas, se continuar insistindo nisso, um dia vai se ver de mãos abanando. Há algo de muito fascinante nessa Anne Shirley.

– Realmente – eu concordei. – Ela tem os olhos mais adoráveis que eu já vi. Seria a esposa perfeita para Max, e espero que ele se case com ela.

– Humph – suspirou tia Cynthia. – Bem, não vou persuadi-la a dizer mais mentiras. E não vim até aqui, com todo esse vento, para falar racionalmente com você sobre Max. Ficarei em Halifax por dois meses e quero que cuide de Fátima por mim enquanto eu estiver fora.

– Fátima! – eu exclamei.

– Sim. Não ousou deixá-la aos cuidados dos criados. Lembre-se de sempre esquentar o leite antes de entregar a ela, e de forma alguma permita que ela corra para fora de casa.

Eu olhei para Ismay, e Ismay olhou para mim. Sabíamos que estávamos numa enrascada. Recusar o pedido deixaria tia Cynthia mortalmente ofendida. Além disso, se eu demonstrasse qualquer má vontade, sem dúvida tia Cynthia atribuiria o meu mau humor ao que ela me dissera sobre Max e esfregaria isso na minha cara por anos. Mas eu me arrisquei a perguntar:

– E se acontecer algo com ela enquanto a senhora estiver longe?

– É justamente para evitar isso que vou deixá-la com você – disse tia Cynthia. – Simplesmente não deixe que nada aconteça com ela. Ter um pouco de responsabilidade vai lhe fazer bem. E você terá a chance de descobrir que adorável criatura é Fátima. Bem, então está tudo resolvido. Vou mandar Fátima amanhã.

– Cuide sozinha desse animal horrendo – disse Ismay quando tia Cynthia fechou a porta ao sair. – Eu não encosto nela nem com uma régua. Você não tinha o direito de dizer que ficaríamos com ela.

– E eu disse que ficaríamos? – eu quis saber, irritada. – Tia Cynthia presumiu que sim. E você sabe tanto quanto eu que não poderíamos ter recusado. Então de que adianta ficar amuada?

– Se algo acontecer com ela, tia Cynthia vai nos responsabilizar – disse Ismay, com ar sombrio.

– Acha que Anne Shirley está realmente noiva de Gilbert Blythe? – eu perguntei, com curiosidade.

– Ouvi dizer que estava – disse Ismay, distraidamente. – Ela come algo mais, além de leite? Seria bom lhe dar ratos?

– Ah, acho que sim. Mas você acha que Max se apaixonou mesmo por ela?

– Ouso dizer que sim. Seria um alívio para você se isso ocorresse.

– Ah, é claro – eu disse, friamente. – Anne Shirley, ou Anne Qualquer Coisa, será recebida com alegria por Max se ela o quiser. Eu certamente não o quero. Ismay Meade, se esse fogão não parar de soltar fumaça, eu vou enlouquecer. Mas que dia detestável. Eu odeio aquela criatura!

– Ah, você não devia falar assim, pois nem a conhece – protestou Ismay. – Todo mundo diz que Anne Shirley é adorável...

– Eu estava me referindo a Fátima – exclamei, furiosa.

– Ah! – disse Ismay.

Ismay é estúpida às vezes. Achei que o jeito como ela disse “Ah!” foi indesculpavelmente estúpido.

Fátima chegou no dia seguinte. Max a trouxe numa cesta coberta, forrada com um cetim púrpura acolchoado. Ele gosta de gatos e da tia Cynthia. Explicou como deveríamos cuidar de Fátima e, quando Ismay saiu da sala (Ismay sempre saía da sala quando percebia que eu queria que ela ficasse), ele me pediu em casamento de novo. É claro que eu disse não, como de costume, mas fiquei bastante satisfeita. Max vinha me pedindo em casamento a cada dois meses, fazia dois anos. Às vezes, como agora, ele esperava três meses, e, quando isso acontecia, eu sempre me perguntava por quê. Concluí que ele não podia estar realmente interessado em Anne Shirley e fiquei aliviada. Eu não queria me casar com Max, mas era agradável e conveniente tê-lo por perto, e sentiríamos terrivelmente sua falta se outra garota o fisesse.

Ele era tão útil e estava sempre disposto a fazer qualquer coisa por nós, fosse arrumar uma telha no telhado, levar-nos até a cidade, instalar carpetes, em suma, era um bom ajudante que sempre surgia em momentos difíceis.

Eu apenas sorri quando disse não. Max começou a contar nos dedos. Quando chegou a oito, ele balançou a cabeça e começou a contar de novo.

– O que foi? – eu perguntei.

– Estou tentando contar quantas vezes eu lhe propus casamento – ele disse –, mas não consigo lembrar se eu pedi ou não para você se casar comigo naquele dia em que escavamos o jardim. Se sim, vai ser um total de...

– Não, você não me pediu em casamento nesse dia – eu o interrompi.

– Bem, com isso chegamos a onze – disse Max, pensativamente. – É o limite, não acha? Meu orgulho masculino não me permite propor casamento para a mesma garota mais de doze vezes. Então a próxima vez vai ser a última, querida Sue.

– Ah – eu disse, com a voz levemente inexpressiva. Até esqueci de me ofender por ele me chamar de querida. Eu me perguntei se as coisas não ficariam bastante enfadonhas quando Max desistisse de me pedir em casamento. Era a única emoção que eu tinha. Mas é claro que seria melhor assim, e ele não poderia continuar com isso eternamente. Então, no intuito de mudar graciosamente de assunto, perguntei como era a senhorita Shirley.

– Uma moça muito amável – disse Max. – Você sabe que eu sempre admirei garotas de olhos cinzentos, com aqueles esplêndidos cabelos vermelhos.

Eu tenho cabelos escuros e olhos castanhos. Nesse momento, detestei Max. Levantei-me e disse que iria pegar um pouco de leite para Fátima.

Encontrei Ismay furiosa na cozinha. Ela tinha ido ao sótão e um rato passou correndo pelo pé dela. Ratos sempre davam nos nervos de Ismay.

– Precisamos desesperadamente de um gato – ela disse, irritada. – Mas não de uma coisinha inútil e mimada como Fátima. Esse sótão está literalmente apinhado de ratos. Não vai me ver subir lá de novo.

Fátima não se provou o estorvo que temíamos. Huldah Jane gostava dela, e Ismay, apesar da declaração inicial de que não queria ter nada a ver com ela, cuidava metodicamente do bem-estar da gata. Até acordava no meio da noite para ver se Fátima estava bem aquecida. Max vinha todos os dias e, sempre ao nosso lado, dava bons conselhos.

Então um dia, cerca de três semanas após a partida de tia Cynthia, Fátima simplesmente desapareceu, como se houvesse se dissolvido em pleno ar. Certa tarde, nós a deixamos dormindo aconchegada em sua cesta perto da lareira, aos cuidados de Huldah Jane, enquanto saímos para fazer uma visita. Quando chegamos em casa, Fátima havia sumido.

Huldah Jane chorava como se tivesse sido assolada pelos deuses. Ela jurou que nunca deixara Fátima sair da sua vista, exceto uma vez, por três minutos, quando foi correndo até o sótão buscar um pouco de segurelha. Quando voltou, a porta da cozinha estava escancarada, e Fátima havia desaparecido.

Ismay e eu ficamos consternadas. Corremos como loucas pelo jardim e pelas dependências externas, e pelos bosques atrás da casa, chamando por Fátima, mas foi tudo em vão. Ismay sentou-se na entrada de casa e chorou.

– Ela fugiu, vai pegar friagem e morrer, e tia Cynthia nunca vai nos perdoar.

– Vou buscar Max – eu declarei. E foi o que fiz, atravessando o bosque de abetos e o campo o mais rápido que meus pés permitiram, agradecendo à minha boa estrela por ter alguém como Max a quem recorrer numa situação como essa.

Max veio e fizemos outra busca, mas sem resultado. Os dias passaram, e não encontramos Fátima. Eu certamente teria enlouquecido se não fosse por Max. Ele provou o seu valor durante aquela terrível semana que se seguiu. Não ousamos colocar um anúncio, com medo de que tia

Cynthia o visse, mas perguntamos por toda a parte se alguém tinha visto uma gata persa branca com uma mancha azul na cauda e oferecemos uma recompensa por ela; mas ninguém a tinha visto, embora dia e noite as pessoas continuassem batendo à nossa porta, com todo tipo de gato em cestas, querendo saber se aquele era o gato que havíamos perdido.

– Nunca mais veremos Fátima – eu disse certa tarde para Max e Ismay, sem esperanças. Eu acabara de despachar uma mulher idosa com um grande e amarelo bichano que ela insistiu ser nosso, “porque apareceu lá em casa, madame, uivando que nem louco, madame, e não era de ninguém do nosso pedaço em Grafton, madame”.

– Receio que não – disse Max. – Ela deve ter morrido de frio.

– Tia Cynthia nunca vai nos perdoar – disse Ismay, tristemente – Eu tive um mau presságio no momento em que a gata veio a esta casa.

Nunca ouvimos falar desse presságio, mas Ismay é ótima em ter maus presságios depois que as coisas acontecem.

– O que devemos fazer? – eu quis saber, impotente. – Max, consegue achar um modo de nos tirar dessa enrascada?

– Publique um anúncio nos jornais de Charlottetown, dizendo que procura um gato persa branco – sugeriu Max. – Talvez alguém tenha um gato assim para vender. Se sim, você deve comprá-lo e entregá-lo à sua excelente tia, fingindo que é Fátima. Ela é bastante míope, então é muito possível que não perceba a diferença.

– Mas Fátima tem uma mancha azul na cauda – eu disse.

– Peça no anúncio um gato com uma mancha azul na cauda – disse Max.

– Vai nos custar um bom dinheiro – disse Ismay, com tristeza. – Fátima foi avaliada em cem dólares.

– Devemos pegar o dinheiro que economizamos para os novos casacos de pele – eu disse, cheia de pesar. – Não há outra saída. Vai nos custar muito mais se perdermos a confiança de tia Cynthia. Ela é bem capaz de achar que nos livramos deliberadamente de Fátima, com calculada maldade.

E então publicamos o anúncio. Max foi à cidade e inseriu o anúncio no mais importante jornal diário. Pedimos que qualquer um que possuísse e quisesse vender uma gata persa branca, com uma mancha azul na ponta da cauda, entrasse em contato com M. I., aos cuidados do *Enterprise*.

Na verdade, não tínhamos muita esperança de que isso desse certo, de maneira que ficamos surpresas e encantadas com a carta que Max trouxe da cidade, quatro dias depois. Era uma longa missiva datilografada numa máquina de escrever, vinda de Halifax, declarando que o remetente tinha à venda uma gata persa branca que correspondia à nossa descrição. O preço era cento e dez dólares e, se M. I. quisesse ir a Halifax examinar o animal, ele podia ser encontrado na rua Hollis, 110; bastava dizer que desejava ver o “persa”.

– Não fiquem tão alegres, meus amigos – disse Ismay, sombria. – Talvez o gato não seja adequado. A mancha azul pode ser muito grande ou muito pequena ou não estar no lugar certo. Eu me recuso decididamente a acreditar que qualquer coisa boa possa surgir dessa situação deplorável.

Nesse exato momento, houve uma batida na porta e eu me apressei em abri-la. O garoto do correio estava lá com um telegrama. Rasguei o envelope, li o que estava escrito e corri de volta ao quarto.

– O que foi agora? – exclamou Ismay, ao ver meu rosto.

Estendi o telegrama. Era de tia Cynthia. Ela havia telegrafado, pedindo que enviássemos imediatamente Fátima para Halifax, pelo trem expresso.

Pela primeira vez, Max não pareceu pronto a dar uma sugestão. Eu fui a primeira a falar.

– Max – eu disse, suplicantemente. – Vai nos ajudar com isso, não vai? Nem eu nem Ismay podemos largar tudo e correr para Halifax. Você precisa partir amanhã, logo cedo. Vá direto para a rua Hollis, 110, e fale que deseja ver o “persa”. Se o gato for parecido com Fátima, compre-o e leve-o para tia Cynthia. Se não... Ah, não quero nem pensar nisso! Vai nos ajudar, não vai?

– Depende – disse Max.

Olhei para ele. Isso era tão incomum para Max.

– É uma desagradável missão isso que você me pede – disse ele, com frieza. – Como vou saber se tia Cynthia vai se deixar enganar, afinal de contas, mesmo sendo míope? Há um risco enorme em comprar um gato no escuro. E, se ela perceber o estratagema, estarei numa bela encrenca.

– Ah, Max – eu disse, à beira das lágrimas.

– É claro – disse Max, olhando meditativo para o fogo – que, se eu fosse realmente da família ou tivesse uma chance razoável de vir a ser, eu não me importaria nem um pouco. Seria esperado da minha parte. Mas, do jeito que as coisas estão...

Ismay levantou-se e saiu da sala.

– Ah, Max, por favor – eu disse.

– Quer se casar comigo, Sue? – perguntou Max, severamente. – Se concordar, eu vou para Halifax e entro na jaula do leão sem pestanejar. Se necessário, pego um gato preto de rua e levo para tia Cynthia, jurando solenemente que é a Fátima. Vou livrá-la da enrascada se tiver de provar que Fátima nunca esteve com você, ou que ela está segura sob seus cuidados no momento, ou que nunca existiu um animal chamado Fátima. Vou fazer qualquer coisa, dizer qualquer coisa, mas só se for pela minha futura esposa.

– Nada mais irá satisfazê-lo? – eu perguntei, impotentemente.

– Nada mais.

Eu pensei muito. É claro que Max estava agindo de maneira abominável... Mas, mas... Ele era realmente um rapaz tão querido, era a décima segunda vez que ele me pedia e também havia Anne Shirley! Eu sabia, no fundo da alma, que a vida sem Max por perto seria terrivelmente triste. Além disso, eu teria me casado com ele há muito tempo se tia Cynthia não houvesse bancado a casamenteira de maneira tão descarada quando ele veio a Spencervale.

– Muito bem – eu disse, irritada.

Max partiu para Halifax pela manhã. No dia seguinte, recebemos um telegrama dizendo que estava tudo bem. Na noite do dia seguinte, ele voltou a Spencervale. Ismay e eu o instalamos numa cadeira e olhamos para ele com impaciência.

Max começou a rir sem parar, até ficar azul.

– Estou feliz que esteja se divertindo tanto – disse Ismay, severamente. – Se Sue e eu soubéssemos qual é a graça, poderíamos acompanhá-lo.

– Queridas meninas, tenham paciência comigo – implorou Max. – Se soubessem como foi difícil manter uma cara séria em Halifax, vocês me perdoariam por rir agora.

– Nós o perdoamos, mas, pelo amor de Deus, conte-nos tudo! – eu exclamei.

– Bem, assim que cheguei a Halifax, corri para a rua Hollis, 110, mas... adivinhem só! Vocês não me disseram que o endereço da sua tia era rua Pleasant, 10?

– E continua sendo.

– Não, não. Verifiquem o endereço do telegrama na próxima vez que receberem um. Há uma semana, ela foi visitar uma amiga que mora na rua Hollis, 110.

– Max!

– É verdade. Toquei a campainha e disse à empregada que desejava ver o “persa”, e nesse exato momento sua tia Cynthia, em carne e osso, passou pelo corredor e quase pulou em cima de mim.

– “Max”, ela disse, “você trouxe Fátima?”.

– “Não”, eu respondi, tentando pensar rapidamente e me adequar a essa mudança de planos, enquanto ela me puxava para a biblioteca. “Não, eu... Eu... Só vim resolver alguns negócios em Halifax”.

– “Santo Deus”, disse tia Cynthia, irritada. “Não sei o que essas meninas estão pensando. Eu mandei um telegrama pedindo que enviassem Fátima imediatamente. Ela ainda não chegou, e estou esperando uma pessoa que deseja comprá-la. Ela pode chegar a qualquer momento”.

– “Ah!”, eu murmurei, cada vez mais ofegante. “Sim”, continuou a tia de vocês. “Há um anúncio no *Enterprise* de Charlottetown sobre um gato persa, e eu o respondi. Fátima é, na verdade, um fardo, você sabe. É tão frágil, pode morrer a qualquer momento ou se tornar um peso morto” – será que a sua tia quis fazer um trocadilho, meninas? – e pôs-se a dizer mais coisas do tipo. E então, embora eu tenha uma considerável afeição por ela, decidi interrompê-la. Nesse meio-tempo, eu já tinha retomado minhas forças e prontamente decidi que uma judiciosa mistura de verdade e mentira era justamente o que precisávamos.

– “Bem, mas que curiosa coincidência!”, eu exclamei. “Ora, senhorita Ridley, fui eu que coloquei o anúncio pedindo uma gata persa – em nome de Sue. Ela e Ismay decidiram que desejam uma gata exatamente igual à Fátima.” Vocês deviam ter visto o sorriso que ela deu. Ela disse que sabia que você sempre gostou de gatos, embora nunca fosse admitir. Pechinchamos um pouco. Eu consegui fazê-la diminuir os cento e dez dólares – ela aceitou o dinheiro sem pestanejar – e agora vocês duas são as coproprietárias de Fátima. Boa sorte com essa aquisição!

– Que velha malvada – fungou Ismay. Ela estava se referindo à tia Cynthia e, lembrando dos nossos casacos de pele surrados, eu não discordei dela.

– Mas Fátima não está aqui – eu disse, incerta. – Como explicaremos isso a tia Cynthia quando ela chegar em casa?

– Bem, sua tia só vai voltar daqui a um mês. Quando voltar, você vai ter que contar que a gata sumiu, mas não precisa dizer *quando* isso ocorreu. De resto, Fátima é sua propriedade agora, então tia Cynthia não pode se queixar. Mas a opinião dela quanto à sua capacidade de administrar uma casa sozinha vai ser pior do que nunca.

Quando Max foi embora, fui à janela para vê-lo descer a trilha. Era realmente um rapaz bonito, e eu tinha orgulho dele. No portão, ele se virou para acenar e, quando o fez, olhou para cima. Mesmo a distância, pude ver seu olhar de espanto. E então ele voltou correndo.

– Ismay, a casa está pegando fogo! – eu gritei, enquanto corria até a porta.

– Sue – exclamou Max –, acabei de ver Fátima, ou o fantasma dela, na janela do sótão!

– Que bobagem! – eu exclamei. Mas Ismay já estava a meio caminho da escada e nós a seguimos. Corremos direto para o sótão. Lá estava Fátima, macia e complacente, tomando sol na janela.

Max riu tanto que as vigas chegaram a estalar.

– Não é possível que ela estava aqui em cima o tempo todo – protestei, quase chorando – Teríamos ouvido o miado.

– Mas não ouviram – disse Max.

– Ela teria morrido de frio – declarou Ismay.

– Mas não morreu – disse Max.

– Ou de fome – eu exclamei.

– O lugar está cheio de ratos – disse Max. – Não, garotas, não há dúvida de que a gata esteve aqui por toda a quinzena. Naquele dia, ela deve ter seguido Huldah Jane sem que ela percebesse. É espantoso que ninguém tenha ouvido os miados dela – se é que ela miou. Mas talvez ela não tenha feito isso, e, é claro, vocês dormem no andar de baixo. E nunca alguém pensou em procurá-la aqui!

– Essa coisa nos custou mais de cem dólares – disse Ismay, com um olhar malévolo para a felpuda Fátima.

– Para mim custou mais – eu disse quando me virei para descer a escada.

Max me segurou por um instante, enquanto Ismay e Fátima desciam.

– Você acha que custou muito, Sue? – ele sussurrou.

Olhei de soslaio para ele. Era realmente um amor. Exalava bondade.

– Não-o-o – eu disse. – Mas, quando nos casarmos, você é que vai cuidar de Fátima, e não eu.

– Querida Fátima – disse Max, com gratidão.



A materialização de Cecil

Nunca me preocupou nem um pouco o fato de que eu não era casada, embora todos em Avonlea tivessem pena de velhas solteironas, mas *me* incomodava, sim, e eu sinceramente confesso que nunca tive a chance de me casar. Até mesmo Nancy, minha antiga babá e criada, sabia disso e sentia pena de mim. Nancy também é uma velha solteirona, mas já recebeu duas propostas de casamento. Ela não aceitou nenhuma delas porque uma viera de um viúvo com sete filhos e outra de um sujeito muito preguiçoso, que não servia para nada; mas, se alguém provocasse Nancy, referindo-se à sua condição de solteira, ela podia mencionar triunfantemente aquelas duas propostas, que provavam que “ela poderia ter se casado se quisesse”. Se eu não tivesse vivido minha vida inteira em Avonlea, poderia receber o benefício da dúvida; mas não era o caso, e todos sabiam tudo sobre mim – ou achavam que sabiam.

Eu de fato me perguntava com frequência o motivo de nunca alguém ter se apaixonado por mim. Eu não era sem graça; na verdade, anos atrás, George Adoniram Maybrick havia escrito um poema endereçado a mim, em que louvava minha beleza de modo bastante extravagante;

isso não significava nada, porque George Adoniram escrevia poemas para todas as meninas bonitas e nunca namorou nenhuma, exceto Flora King, que era vesga e tinha cabelos ruivos, mas isso prova que não foi a minha aparência que me tirou do páreo. Nem o fato de que eu também escrevia poesia, embora nem de longe semelhante à de George Adoniram, pois nunca souberam disso. Quando eu sentia o poema chegando, trancava-me no quarto e o registrava num livrinho branco que eu mantinha trancado. Agora ele está quase inteiramente preenchido, pois escrevi poesia a minha vida inteira. É a única coisa que eu consegui manter em segredo de Nancy. Nancy, de todo modo, não tem uma opinião muito boa sobre a minha capacidade de cuidar de mim mesma, mas eu tremo só de imaginar o que ela pensaria se um dia encontrasse esse livrinho. Estou convencida de que ela mandaria chamar um médico o quanto antes e insistiria em aplicar emplastos de mostarda enquanto o aguardasse.

Contudo, continuei fazendo o que sempre fazia, e estava realmente muito feliz com minhas flores, meus gatos, minhas revistas e meu livrinho. Mas *me irritava* saber que Adella Gilbert, que morava do outro lado da estrada com seu marido bêbado, lamentava a sorte da “pobre Charlotte”, que ninguém quis. Realmente, pobre Charlotte! Se eu tivesse me jogado nos braços de um homem, como Adella Gilbert fez... mas preciso me acalmar e impedir que esses pensamentos me perturbem. Devo ser caridosa.

O Círculo de Costura reuniu-se na casa de Mary Gillespie no meu quadragésimo aniversário. Eu havia desistido de mencionar meus aniversários, embora esse pequeno esquema não adiantasse muito em Avonlea, onde todos sabiam sua idade ou, se cometiam um erro, este nunca era a favor da sua juventude. Mas Nancy, que se acostumara a celebrar meus aniversários desde que eu era uma garotinha, jamais perdeu esse hábito, e eu não tento curá-la, porque, afinal, é bom ser paparicada por alguém. Ela me trouxe o desjejum na cama, uma concessão à

minha preguiça que Nancy desprezaria em qualquer outro dia do ano. Ela preparou todas as minhas comidas favoritas e enfeitou a bandeja com rosas do jardim e samambaias do bosque atrás de casa. Apreciei cada porção daquele desjejum e então me levantei e me vesti, colocando meu segundo melhor vestido de musselina. Eu teria usado o mais bonito se não temesse a reação de Nancy, mas eu sabia que ela nunca aprovaria *isso*, nem mesmo num aniversário. Reguei minhas flores e alimentei meus gatos, e então me tranquei no quarto e escrevi um poema sobre o mês de junho. Eu havia desistido de escrever odes de aniversário quando fiz trinta anos.

À tarde, fui ao Círculo de Costura. Quando estava pronta para sair, olhei para o espelho e me perguntei se realmente estava com quarenta anos. Eu estava certa de que não aparentava essa idade. Meu cabelo era castanho e ondulado, minhas bochechas eram rosadas e mal se viam rugas no meu rosto, embora provavelmente isso ocorresse por causa da luz fraca. Sempre deixo meu espelho pendurado no canto mais escuro do quarto. Nancy não conseguia imaginar o motivo. Eu sei que as rugas existem, é claro, mas, como elas não aparecem muito, esqueço que elas estão ali.

Tínhamos um grande Círculo de Costura, cujos membros eram mulheres jovens e velhas. Eu realmente não posso dizer que apreciava as reuniões, pelo menos não até aquele momento, embora as tenha frequentado religiosamente porque achava que era meu dever participar. As mulheres casadas falavam muito sobre seus maridos e filhos, e é claro que eu tinha de me calar quanto a esses temas; e as moças ficavam agrupadas nos cantos, conversando sobre seus pretendentes, e paravam de falar quando eu me juntava a elas, como se estivessem certas de que uma velha solteirona que nunca teve um namorado fosse incapaz de entender o que elas falavam. Quanto às outras velhas solteironas, elas só faziam fofoca de todo mundo, e eu também não gostava disso. Sabia que, no minuto em que virasse as costas, elas se voltariam contra mim,

insinuando que eu pintava o cabelo e declarando que era perfeitamente ridículo que uma mulher de cinquenta anos usasse um vestido de musselina rosa com babados e laços.

Houve pleno comparecimento naquele dia, pois estávamos nos preparando para realizar um bazar de roupas para ajudar no reparo do presbitério. As moças estavam mais alegres e barulhentas do que o usual. Wilhelmina Mercer estava lá e colaborava com a euforia. Os Mercers eram novos em Avonlea; tinham se mudado havia apenas dois meses.

Eu estava sentada perto da janela, e Wilhelmina Mercer, Maggie Henderson, Susette Cross e Georgie Hall estavam reunidas num pequeno grupo logo atrás de mim. Eu não estava prestando atenção na conversa, mas em algum momento Georgie exclamou, provocando:

– A senhorita Charlotte está rindo de nós. Suponho que ela ache que somos muito tolas por falar de pretendentes.

A verdade é que eu estava sorrindo por causa de uns pensamentos bonitos que tinham me ocorrido sobre as rosas que subiam até o peitoril da janela de Mary Gillespie. Eu pretendia registrá-los no livrinho branco quando voltasse para casa. A fala de Georgie me trouxe brusca-mente de volta à dura realidade. Fiquei magoada, como sempre ficava com essas palavras.

– Você nunca teve um pretendente, senhorita Holmes? – perguntou Wilhelmina, em tom de brincadeira.

Subitamente, um silêncio caiu sobre a sala por um momento, e todos emudeceram com a pergunta de Wilhelmina.

Eu não sei o que deu em mim e me possuiu naquele momento. Nunca fui capaz de justificar o que eu disse e fiz, porque sou naturalmente uma pessoa sincera, que detesta fingimentos. Pareceu-me que eu não podia apenas dizer “não” a Wilhelmina naquela sala repleta de mulheres. Era humilhante *demais*. Suponho que todas as alfinetadas, provocações e injúrias que eu suportava há quinze anos por nunca ter tido um pretendente causaram o que os novos médicos chamam de “efeito cumulativo” e vieram à tona de uma só vez.

– Sim, eu já tive um pretendente, minha querida – eu disse, calmamente.

Pela primeira vez na vida, eu causei uma grande sensação. Todas as mulheres na sala pararam de costurar e olharam para mim. Vi que a maior parte delas não acreditou em mim, mas Wilhelmina, sim. Seu belo rosto se iluminou de interesse.

– Ah, por favor, conte-nos tudo sobre ele, senhorita Holmes – ela implorou. – Por que não se casou com ele?

– Isso mesmo, senhorita Mercer – disse Josephine Cameron, com uma risadinha desagradável. – Faça-a contar. Estamos todas interessadas. Para nós é novidade que Charlotte tenha tido um pretendente.

Se Josephine não tivesse dito isso, talvez eu não insistisse na história. Mas foi o que ela disse e, além disso, flagrei Mary Gillespie e Adella Gilbert trocando sorrisos significativos. Foi o bastante para me convencer e me fazer agir de modo inconsequente. “Agora que já comecei, vou até o fim”, eu pensei, e então eu disse, com um sorriso pensativo:

– Ninguém aqui o conheceu, e foi há muito, muito tempo.

– Qual era o nome dele? – perguntou Wilhelmina.

– Cecil Fenwick – eu respondi, prontamente. Cecil sempre foi meu nome masculino preferido; ele figurava com bastante frequência no livro branco. Quanto ao sobrenome Fenwick, naquele momento eu estava medindo uma bainha com um recorte de jornal, e nele havia um anúncio que dizia “Experimente o emplastro poroso Fenwick”, de maneira que eu simplesmente juntei os dois num súbito e irrevogável matrimônio.

– Onde você o conheceu? – perguntou Georgie.

Eu revi meu passado rapidamente. Havia apenas um lugar para situar Cecil Fenwick. A única vez em que estive longe o bastante de Avonlea durante a minha vida foi quando eu tinha dezoito anos e fora visitar uma tia em New Brunswick.

– Em Blakely, New Brunswick – eu disse, quase acreditando que aquilo realmente tinha acontecido, ao ver que todas aceitavam meu relato sem suspeitar – Eu tinha apenas dezoito anos e ele vinte e três.

– Como ele era? – Susette quis saber.

– Ah, ele era muito bonito – e comecei loquazmente a esboçar o meu ideal de homem. Para dizer a verdade, a terrível verdade, eu estava me divertindo; eu podia ver o respeito surgir nos olhos das garotas e soube que havia me livrado para sempre daquele martírio. Dali por diante, eu seria uma mulher com um passado romântico, fiel ao único amor de sua vida – algo muito, muito diferente de uma velha solteirona que nunca tivera um namorado.

Eu continuei:

– Ele era alto e moreno, com adoráveis cabelos negros encaracolados e olhos brilhantes e penetrantes. Tinha um queixo esplêndido, um belo nariz e um sorriso fascinante!

– O que ele fazia? – Maggie perguntou.

– Ele era um jovem advogado – eu disse. Minha escolha de profissão foi decidida por um grande retrato a pastel do falecido irmão de Mary Gillespie, disposto num cavalete à minha frente. Ele havia sido advogado.

– Por que não se casou com ele? – inquiriu Susette.

– Nós brigamos – eu respondi, com tristeza. – Foi uma briga muito feia. Ah, éramos tão jovens e tão tolos. A culpa foi minha. Eu irritei Cecil flertando com outro homem, só isso! E ele ficou furioso e enciumado. Foi embora para o Oeste e nunca mais voltou. Nunca mais o vi e nem sei se ele está vivo ou morto. Mas... mas... eu nunca mais consegui amar outro homem.

– Ah, que interessante! – suspirou Wilhelmina. – Eu gosto tanto de histórias de amor tristes. Mas talvez um dia ele volte, senhorita Holmes.

– Ah, não, nunca mais – eu disse, balançando a cabeça. – Ele me esqueceu, ousou dizer. Ou, se não me esqueceu, jamais me perdoou.

Naquele momento, Susan Jane, filha de Mary Gillespie, anunciou o chá, e eu fiquei muito grata por isso, pois minha imaginação estava se esgotando e eu não sabia qual seria a próxima pergunta que as moças fariam. Mas eu já sentia uma mudança na atmosfera mental à minha volta e, durante toda a ceia, fiquei entusiasmada, sentindo uma secreta

exultação. Arrependida? Envergonhada? Nem um pouco! Eu faria tudo novamente, e só me arrependia de não ter feito isso tempos atrás.

Quando cheguei em casa, naquela noite, Nancy olhou para mim, pensativa, e disse:

– Você parece uma mocinha nesta noite, senhorita Charlotte.

– Eu me sinto uma – eu disse, rindo, e corri até meu quarto para fazer algo que nunca tinha feito antes: escrever um segundo poema no mesmo dia. Eu precisava dar alguma vazão aos meus sentimentos. Eu o intitulei de “Nos Dias de Verão de Tempos Atrás” e nele coloquei as rosas de Mary Gillespie, que guardavam os olhos de Cecil Fenwick, e ele era tão triste, evocativo e melodioso que me senti perfeitamente feliz.

Nos dois meses seguintes, tudo correu satisfatoriamente bem. Ninguém mais falou de Cecil Fenwick, mas as garotas passaram a conversar livremente comigo sobre seus pequenos casos amorosos, e eu me tornei uma espécie de confidente para elas. Isso fez com que eu me sentisse bem e comecei a apreciar bastante o Círculo de Costura. Ganhei um monte de vestidos bonitos e um chapéu adorável, fui a todos os lugares para os quais me chamavam e me diverti.

Mas tenha absoluta certeza de uma coisa: se fizer algo errado, vai ser punido em algum momento, de algum modo e em algum lugar. Minha punição foi adiada por dois meses, mas depois caiu sobre a minha cabeça, e eu fui aniquilada e reduzida a pó.

Outra nova família, além dos Mercer, havia chegado a Avonlea na primavera, eram os Maxwells. Havia apenas o senhor e a senhora Maxwell; eles eram um rico casal de meia-idade. O senhor Maxwell comprara a serraria, e eles moravam na antiga residência dos Spencer, que sempre fora “a melhor casa” de Avonlea. Viviam uma vida sossegada, e a senhora Maxwell quase nunca ia a lugar algum porque tinha uma saúde frágil. Ela estava fora da cidade quando fui visitá-la, e eu estava fora quando ela retribuiu a visita, de maneira que nunca nos conhecemos pessoalmente.

Era o dia do Círculo de Costura novamente, dessa vez ele ocorreria na casa de Sarah Gardiner. Eu me atrasei; todo mundo já estava lá quando cheguei, e, no minuto em que entrei na sala, soube que algo tinha acontecido, embora não fizesse a menor ideia do quê. Todas olharam para mim de modo muito estranho. É claro que Wilhelmina Mercer foi a primeira a soltar a língua:

– Ah, senhorita Holmes, você já o viu? – ela exclamou.

– Vi quem? – perguntei, sem entusiasmo, pegando meu dedal e os moldes.

– Ora, Cecil Fenwick. Ele está aqui, em Avonlea, visitando sua irmã, a senhora Maxwell.

Suponho que fiz o que elas esperavam que eu fizesse. Larguei tudo que estava segurando, e Josephine Cameron disse depois que Charlotte Holmes só ficaria tão pálida quando estivesse em seu caixão. Se elas soubessem por que eu tinha empalidecido!

– É impossível! – eu disse, sem expressão.

– Juro que é verdade – disse Wilhelmina, encantada com o desenrolar, como ela supunha, do meu romance. – Eu fui visitar a senhora Maxwell ontem à noite e o conheci.

– Não pode ser o mesmo Cecil Fenwick – eu disse, debilmente, só porque precisava dizer alguma coisa.

– Ah, sim, é ele mesmo. Ele é de Blakely, New Brunswick, é advogado e esteve no Oeste vinte e dois anos atrás. Ele é... Ah! Tão bonito como você o descreveu, exceto pelo cabelo, que está bastante grisalho. Ele nunca se casou – fiz questão de perguntar à senhora Maxwell –, então é claro que ele jamais a esqueceu, senhorita Holmes. E, ah, eu acredito que tudo vai dar certo.

Eu não podia exatamente compartilhar de sua entusiasmada convicção. Para mim, tudo parecia estar dando terrivelmente errado. Eu estava tão confusa que não sabia o que fazer ou dizer. Senti como se estivesse num pesadelo (tinha que ser um sonho), não poderia realmente

existir um Cecil Fenwick! Meus sentimentos eram simplesmente indescritíveis. Felizmente, todas atribuíram minha agitação a uma causa diferente e foram muito gentis em me deixar sozinha para me recuperar. Nunca vou me esquecer daquela tarde horrível. Logo após o chá, pedi licença e fui para casa o mais rápido que pude. Lá eu me tranquei no meu quarto, mas *não* para escrever poesia no meu livro branco. Não mesmo! Eu não estava no clima para escrever poesia.

Tentei encarar os fatos. Havia um Cecil Fenwick, por mais extraordinária que fosse essa coincidência, e ele estava aqui em Avonlea. Todos os meus amigos (e inimigos) acreditavam que ele era o amor perdido de minha juventude. Se ele ficasse muito tempo em Avonlea, duas coisas iriam acontecer: ou ele ouviria a história que eu havia contado sobre ele e a negaria, e eu sentiria vergonha e seria motivo de chacota pelo resto de minha vida; ou ele simplesmente iria embora em completa ignorância e todos pensariam que Cecil Fenwick havia me esquecido e sentiriam pena de mim, o que seria enlouquecedor. A segunda possibilidade já era ruim o bastante, mas não podia ser comparada à anterior; e ah, como eu orei, sim, eu *realmente* fiz isso, para que ele fosse embora imediatamente. No entanto, a providência tinha outros planos para mim.

Cecil Fenwick não foi embora. Ele continuou em Avonlea, e os Maxwells floresceram socialmente para honrá-lo e tentar fazer com que ele se divertisse. A senhora Maxwell deu uma festa em sua homenagem. Eu recebi o convite, mas obviamente não compareci, embora Nancy achasse que eu estivesse louca. Então todo mundo resolveu dar uma festa em homenagem ao senhor Fenwick e me convidou, mas eu não compareci a nenhuma dessas festas. Wilhelmina Mercer veio à minha casa, implorou e me repreendeu e disse que, se eu continuasse evitando o senhor Fenwick desse modo, ele pensaria que eu ainda guardava rancor e não faria nenhuma tentativa de se reconciliar comigo. Wilhelmina tinha boas intenções, mas não era muito esperta.

Cecil Fenwick parecia ser o grande favorito de todos, jovens e velhos. Ele era muito rico também, e Wilhelmina declarou que metade das moças queria fisgá-lo.

– Se não fosse por você, senhorita Holmes, creio que até eu tentaria fisgá-lo, apesar do cabelo grisalho e pavio curto, pois a senhora Maxwell diz que ele fica nervoso com facilidade, embora não demore a se recompor – disse Wilhelmina, gracejando com total sinceridade.

Quanto a mim, desisti de sair de casa, sequer ia à igreja. Eu me afliji, lamentei e perdi o apetite, e não escrevi uma só linha no meu livro branco. Nancy ficou meio louca de preocupação e insistiu em administrar em mim suas pílulas patenteadas favoritas. Engoli-as sem reclamar, pois é um desperdício de tempo e energia se opor a Nancy, mas é claro que elas não me ajudaram. Meu problema era grande demais para ser curado por remédios. Se algum dia houve uma mulher punida por mentir, essa mulher era eu. Cancelei minha assinatura de *Weekly Advocate* porque ele ainda exibia aquele odioso anúncio de emplastro poroso e eu não suportava vê-lo. Se não fosse por ele, eu nunca teria pensado no sobrenome Fenwick, e toda essa confusão teria sido evitada.

Certo dia, eu estava amuada no meu quarto quando Nancy apareceu.

– Há um cavalheiro na sala de visitas que gostaria de vê-la, senhorita Charlotte.

Meu coração disparou violentamente.

– Que... tipo de cavalheiro, Nancy? – eu balbuciei.

– Acho que é aquele Fenwick de quem tanto falam – disse Nancy, que não conhecia minhas aventuras imaginárias. – E parece louco de raiva por algum motivo, pois nunca vi uma carranca assim.

– Diga a ele que vou descer imediatamente, Nancy – eu disse, com calma.

Assim que Nancy desceu as escadas outra vez, vesti meu fichu de renda e coloquei dois lenços no meu cinto, pois imaginei que provavelmente precisaria de mais de um. Procurei, então, um velho